

GABRIEL
GARCÍA
MÁRQUEZ

doze contos peregrinos

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA
TRADUÇÃO DE ERIC NEPOMUCENO



DISTR RECORD

doze contos peregrinos

Obras do autor

O amor nos tempos do cólera
A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile
Cem anos de solidão
Cheiro de goiaba
Crônica de uma morte anunciada
Do amor e outros demônios
Doze contos peregrinos
Os funerais da Mamãe-Grande
O general em seu labirinto
A incrível e triste história de Cândida Erêndira
e sua avó desalmada
Memória de minhas putas tristes
Ninguém escreve ao coronel
Notícia de um sequestro
Olhos de cão azul
O outono do patriarca
Relato de um naufrago
A revoada (O enterro do diabo)
O veneno da madrugada (A má hora)
Viver para contar

Obra jornalística

Vol. 1 – Textos caribenhos (1948-1952)
Vol. 2 – Textos andinos (1954-1955)
Vol. 3 – Da Europa e da América (1955-1960)
Vol. 4 – Reportagens políticas (1974-1995)
Vol. 5 – Crônicas (1961-1984)

Obra infanto-juvenil

A luz é como a água
María dos Prazeres
A sesta da terça-feira
Um senhor muito velho com umas asas enormes
O verão feliz da senhora Forbes

GABRIEL GARCÍA MARQUEZ

doze contos peregrinos

TRADUÇÃO DE
ERIC NEPOMUCENO

29ª edição



DISTR RECORD

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2018

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

García Márquez, Gabriel, 1928-2014
G211d Doze contos peregrinos / Gabriel García Márquez;
29ª ed. tradução de Eric Nepomuceno. – 29ª ed. – Rio de Janeiro:
Distribuidora Record, 2018.

Tradução de: Doce cuentos peregrinos
ISBN 978-85-01-11504-1

I. Contos colombianos. I. Nepomuceno, Eric. II.
Titulo.

92-1124 CDD – 868.993613
CDU – 860(861)-3

Titulo original espanhol
DOCE CUENTOS PEREGRINOS

Copyright © 1992 by Gabriel García Márquez

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa no Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA, S.A.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-11504-1

Seja leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



Sumário

Prólogo 7

Boa viagem, senhor presidente 17

A santa 57

O avião da Bela Adormecida 79

Me alugo para sonhar 91

“Só vim telefonar” 103

Assombrações de agosto 129

Maria dos Prazeres 137

Dezessete ingleses envenenados 161

Tramontana 183

O verão feliz da senhora Forbes 193

A luz é como a água 215

O rastro do teu sangue na neve 223

PRÓLOGO

POR QUE DOZE,
POR QUE CONTOS E
POR QUE PEREGRINOS

Os doze contos deste livro foram escritos no curso dos últimos dezoito anos. Antes de sua forma atual, cinco deles foram crônicas de jornal e roteiros de cinema, e um foi série de televisão. Outro contei, há quinze anos, em uma entrevista gravada, e o amigo a quem contei o transcreveu e publicou, e agora tornei a escrevê-lo a partir dessa versão. Foi uma rara experiência criativa que merece ser explicada, nem que seja para as crianças que querem ser escritores quando forem grandes saberem desde agora como é insaciável e abrasivo o vício de escrever.

A primeira ideia me ocorreu no começo da década de setenta, a propósito de um sonho esclarecedor que tive depois de estar há cinco anos morando em Barcelona. Sonhei que assistia ao meu próprio enterro, a pé, caminhando entre um grupo de amigos vestidos de luto solene, mas num clima de festa. Todos parecíamos felizes por estarmos juntos. E eu mais que ninguém, por aquela grata oportunidade que a morte me dava de estar com meus amigos da América Latina, os mais antigos, os mais queridos, os que eu não via fazia tempo.

Ao final da cerimônia, quando começaram a ir embora, tentei acompanhá-los, mas um deles me fez ver com uma severidade terminante que, para mim, a festa havia acabado. “Você é o único que não pode ir embora”, me disse. Só então compreendi que morrer é não estar nunca mais com os amigos.

Não sei por quê, interpretei aquele sonho exemplar como uma tomada de consciência da minha identidade, e pensei que era um bom ponto de partida para escrever sobre as coisas estranhas que acontecem aos latino-americanos na Europa. Foi um achado alentador, pois havia terminado pouco antes *O Outono do Patriarca*, que foi meu trabalho mais árduo e arriscado, e não achava por onde continuar.

Durante uns dois anos anotei os temas que iam me ocorrendo sem decidir o que fazer com eles. Como não tinha em casa um caderno de anotações na noite em que resolvi começar, meus filhos me emprestaram um caderno escolar. Eles mesmos o levavam em suas mochilas de livros em nossas viagens frequentes, com medo de que fosse perdido. Cheguei a ter 64 temas anotados com tantos pormenores que só faltava escrevê-los.

Foi no México, ao meu regresso de Barcelona, em 1974, que ficou claro para mim que aquele livro não deveria ser um romance, como pensei no começo, e sim uma coleção de contos curtos, baseados em fatos jornalísticos mas redimidos de sua condição mortal

pelas astúcias da poesia. Até então, havia escrito três livros de contos. No entanto, nenhum dos três fora concebido e resolvido como um todo: cada conto era uma peça autônoma e ocasional. Portanto, a escrita dos 64 podia ser uma aventura fascinante se conseguisse escrever todos com o mesmo traço, e com uma unidade interna de tom e de estilo que os fizesse inseparáveis na memória do leitor.

Escrevi os dois primeiros — “O Rastro do Teu Sangue na Neve” e “O Verão Feliz da Senhora Forbes” — em 1976, e publiquei-os em seguida em suplementos literários de vários países. Não me dei nem um dia de repouso, mas na metade do terceiro conto, que era aliás o dos meus funerais, senti que estava me cansando mais do que se fosse um romance. A mesma coisa me aconteceu com o quarto. Tanto que não tive fôlego para terminá-los. Agora sei por quê: o esforço de escrever um conto curto é tão intenso como o de começar um romance. Pois no primeiro parágrafo de um romance é preciso definir tudo: estrutura, tom, estilo, longitude, e às vezes até o caráter de algum personagem. O resto é o prazer de escrever, o mais íntimo e solitário que se possa imaginar, e se a gente não fica corrigindo o livro pelo resto da vida é porque o mesmo rigor de ferro que faz falta para começá-lo se impõe na hora de terminá-lo. O conto, por sua vez, não tem princípio nem fim: anda ou desanda. E se desanda, a experiência própria e a alheia ensinam que na maioria das vezes é mais sau-

dável começá-lo de novo por outro caminho, ou jogá-lo no lixo. Alguém que não lembro disse isso muito bem com uma frase de consolação: “Um bom escritor é mais apreciado pelo que rasga do que pelo que publica.” A verdade é que não rasguei os rascunhos e as anotações, mas fiz algo pior: joguei-os no esquecimento.

Lembro de ter mantido o caderno sobre a minha mesa do México, naufrago numa borrasca de papéis, até 1978. Um dia, procurando outra coisa, percebi que o havia perdido de vista fazia tempo. Não me importei. Mas quando me convenci de que não estava na mesa de verdade sofri um ataque de pânico. Não sobrou na casa um canto sem ter sido revistado a fundo. Removemos os móveis, desmontamos a biblioteca para termos certeza de que não havia caído atrás dos livros, e submetemos os empregados e os amigos a inquisições imperdoáveis. Nem rastro. A única explicação possível — ou plausível? — é que em alguns dos tantos extermínios de papéis que faço com frequência lá se foi o caderno para o lixo.

Minha própria reação me surpreendeu: os temas que havia esquecido durante quase quatro anos se transformaram numa questão de honra. Tratando de recuperá-los a qualquer preço, num trabalho tão árduo como escrevê-los, consegui reconstruir as anotações de trinta. Como o próprio esforço de recordá-los me serviu de purga, fui eliminando sem coração os que me pareceram insalváveis, e sobraram dezoito. Desta vez me animava a determinação de continuar escrevendo-os sem pausa,

mas logo percebi que tinha perdido o entusiasmo por eles. No entanto, ao contrário do que sempre havia aconselhado aos escritores novos, não os joguei fora, tornei a arquivá-los. Por via das dúvidas.

Quando comecei *Crônica de uma Morte Anunciada*, em 1979, comprovei que nas pausas entre dois livros perdia o hábito de escrever e cada vez era mais difícil começar de novo. Por isso, entre outubro de 1980 e março de 1984, me impus a tarefa de escrever um texto semanal para jornais de diversos países, como disciplina para manter o braço aquecido. Então pensei que meu conflito com as anotações do caderno continuava sendo um problema de gêneros literários, e que na realidade elas não deveriam ser contos e sim textos jornalísticos. Só que, depois de publicar cinco anotações tomadas do caderno, tornei a mudar de opinião: eram melhores para o cinema. Foi assim que surgiram cinco filmes e uma série de televisão.

O que nunca previ foi que o trabalho de jornal e cinema mudaria certas ideias que tinha sobre os contos, a ponto de que, ao escrevê-los agora em sua forma final, tive que tomar cuidado e pinçar minhas próprias ideias das que me foram dadas pelos diretores durante a escrita dos roteiros. Além disso, a colaboração simultânea com cinco criadores diferentes me sugeriu outro método para escrever os contos: começava um quando tinha tempo livre, o abandonava quando me sentia cansado, ou quando surgia algum projeto imprevisto,

e depois começava outro. Em pouco mais de um ano, seis dos dezoito temas foram parar no cesto de papéis, e entre eles o de meu funeral, pois nunca consegui que fosse uma farra como a do sonho. Os contos restantes, porém, pareceram tomar fôlego para uma longa vida.

São eles os doze deste livro. Em setembro passado estavam prontos para imprimir depois de outros dois anos de trabalho intermitente. E assim teriam terminado sua incessante peregrinação de ida e volta ao cesto de lixo, se não fosse a dúvida final que me mordeu à última hora. Já que eu havia descrito de memória e a distância as diferentes cidades da Europa onde os contos acontecem, quis comprovar a fidelidade de minhas recordações quase vinte anos depois, e empreendi uma rápida viagem de reconhecimento a Barcelona, Genebra, Roma e Paris.

Nenhuma delas tinha nada a ver com minhas lembranças. Todas, como toda a Europa atual, estavam rarefeitas por uma inversão assombrosa: as recordações reais me pareciam fantasmas da memória, enquanto as recordações falsas eram tão convincentes que haviam suplantado a realidade. De maneira que me foi impossível distinguir a linha divisória entre a desilusão e a nostalgia. Foi a solução final. Eu enfim havia encontrado o que mais falta me fazia para terminar o livro, e que só o transcurso dos anos podia me dar: uma perspectiva no tempo.

Ao meu regresso daquela viagem arriscada reescrevi todos os contos outra vez, desde o princípio, em oito meses febris nos quais não precisei me perguntar onde terminava a vida e onde começava a imaginação, porque me ajudava a suspeita de que talvez não fosse verdade nada do vivido vinte anos antes na Europa. A escrita tornou-se então fluida, e tanto que às vezes me sentia escrevendo pelo puro prazer de narrar, que é talvez o estado humano que mais se parece à levitação. Além disso, trabalhando todos os contos ao mesmo tempo e saltando de um a outro com plena liberdade, consegui uma visão panorâmica que me salvou do cansaço dos começos sucessivos, e me ajudou a caçar redundâncias ocasionais e contradições mortais. Creio haver conseguido assim o livro de contos mais próximo ao que sempre quis escrever.

Aqui estão, prontos para ser levados à mesa depois de tanto andar de déu em déu lutando para sobreviver às perversidades da incerteza. Todos os contos, exceto os dois primeiros, foram terminados ao mesmo tempo, e cada um tem a data em que o comecei. A ordem em que estão nesta edição é a que tinham no caderno de notas.

Sempre acreditei que toda versão de um conto é melhor que a anterior. Como saber então qual deve ser a última? É um segredo do ofício que não obedece às leis da inteligência mas à magia dos instintos, como a cozinheira que sabe quando a sopa está no ponto.

Seja como for, por via das dúvidas, não tornarei a lê-los, como nunca tornei a ler nenhum de meus livros com medo de me arrepender. Quem os ler saberá o que fazer com eles. Por sorte, para estes doze contos peregrinos terminarem no cesto de papéis deve ser como o alívio de voltar para casa.

Cartagena de Índias, abril, 1992

Gabriel García Márquez

A black and white close-up portrait of Gabriel García Márquez, showing his face with a mustache and a dark shirt. The background is dark and out of focus.

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

nasceu em 1928 na aldeia de Aracataca, nas imediações de Barranquilla, Colômbia. Autor de alguns dos maiores romances do século XX e mestre do realismo mágico latino-americano, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1982. Entre suas principais obras estão *Cem anos de solidão*, *O amor nos tempos do cólera*, *Crônica de uma morte anunciada*, *Notícia de um sequestro* e *Memória de minhas putas tristes*.

ISBN 978-85-01-11504-1



9 788501 115041